

O Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário • 16 de Novembro de 1991 • Ano XLVIII — N.º 1244 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Eu queria que todas as mães gozassem totalmente as suas grandes fortunas. — PAI AMÉRICO

ECOS d'África

As nossas Casas do Gaiato de Malanje e Benguela estão cercadas por uma avalanche de problemas sociais

Tenho bem viva a recordação do que meus olhos viram na última passagem por Angola. O caos social é impressionante. A guerra imprimiu marcas que levarão muito tempo a apagar-se.

As cidades, particularmente as do Litoral, estão rodeadas por uma multidão de gente que ultrapassa várias vezes a população local. A fuga do interior, onde a vida se tornou impossível por causa da guerra e da seca, está na origem deste fenómeno. As nossas Casas do Gaiato de Malanje e Benguela estão cercadas por uma avalanche de problemas sociais de toda a ordem.

Angola e Moçambique, nesta hora, são a parte do nosso ser que mais geme e sofre. Dar-lhes a mão, agora, é um

imperativo de consciência solidária. Quem vai?

Ao escrever estas notas vejo, como se lá estivesse, a multidão incontável de crianças ao colo das mães de peitos secos; as que conseguiram sobreviver, em parte, espalham-se pelas ruas dos bairros, a ver o que encontram para enganar a fome. Adolescentes e jovens correm dum lado para o outro a fazer negócio na «candonga». Eis uma geração nascida na guerra, criada na

Continua na página 3

Moçambique

Valeu a pena o sacrifício de não irmos de mãos vazias!

VENHO das obras. São quatro quilómetros a pé. O calor está razoável, apesar de não haver sinais de chuva. Tudo seco à volta. O asfalto derrete e fica a brilhar quando passa por nós um camião. Acompanham-me dois pequeninos — Acido e Tomaz que vão para a escola da Aldeia da Barragem.

Tento conversa. Já sei o nome, a idade e a classe em que estudam. Começo a falar-lhes de um menino pobre que nasceu em Belém, que foi logo perseguido por um homem mau e teve de fugir para o Egipto, bem lá no norte da África. Depois que cresceu era muito amigo das crianças, tomava-as ao colo, ensinava todos a ser amigos, mas uns homens grandes mataram-no na cruz. Pergunto se sabem quem é. Ficaram calados por um pouco e depois Tomaz arriscou: — *Samora?* Fiquei quase desconsolado pela minha falta de jeito. Movimentei intimamente o meu raciocínio e vi que tinham razão. Eu disse menos e eles disseram tudo o que sabiam.

Quiseram ver a minha casa. Pediram pão. Foi o Luizinho que os serviu. Devê ter-lhes sabido a doce. Lá foram contentes. Não lhes disse, mas digo aqui, que andamos amargurados até conseguir dar àqueles e a muitos outros da povoação Massaca 1 uma tigela de leite. Não têm mais. E haja leite. Serão mais de dois mil. Vêm no nosso contentor oito sacos que nos custaram, em Lisboa, quase cem contos. A Cáritas Diocesana de Maputo já nos doou mais quinze. Eu vejo no preço do que trouxemos a diferença de ser pobre aí e aqui. De graça, para quem nada tem, é caridade! A pagar quem pode é justiça. No nosso caso fica furada porque são as mesmas bocas secas que

Continua na página 2

O Victor Daniel

O Victor Daniel tem cinco anos. Veio do Algarve comigo, na maré dos peditórios. O dia, um domingo quente de Agosto, tinha sido gratificante. A Igreja, sempre à cunha — com ânsia visível da Palavra Viva e Eterna, nesse domingo abundante e de tema atraente: «Eu Sou o Pão Vivo». Pão que muita gente, inquieta pela sorte dos mais pobres e tocada pela força da Palavra de Deus, repartiu connosco.

Padre Acílio e eu, na recolha dos cestos, consolados, porque o milagre do Evangelho se repetia. Nada para nós, senão o deslumbramento diante dos cestos cheios e a alegria interior

de, por nossas próprias mãos, o servirmos em nossa Casa.

À tardinha, chegou o Victor Daniel. Vinha com a mãe. Os seus olhos, brilhantes, reflectidos nos da mãe, tristes e magoados, faiscavam de raiva e temor. Não houve apresentações. O assunto estava tratado. Há muito que o Victor Daniel deveria ser nosso. Tudo foi muito rápido.

Enquanto o miúdo se distraía, nervosamente, a alguma distância de nós, a mãe desapareceu sem que ele tivesse dado conta. Foi-se, sem um beijo, sem um carinho. Não foi capaz. Eu, roído por dentro, entendi.

Rapidamente, o miúdo se apercebeu da ausência da mãe. Esta percepção trou-

PARTILHA

xe-lhe à memória e ao coração razões que ele já entendia... Então, num grito de desespero, exclamou: «Ó p.....», para logo, num pranto inconsolável, corrigir amorosamente: «Ai a minha mãe!».

Na fúria desta separação, fui envolvido por uma onda de revolta e confusão. Quisera que o Victor Daniel pudesse ter ido atrás da mãe, sem vergonha nem medo dos seus passos. Quisera que ele fosse atrás dela para uma daquelas casas lindas, com lagos, árvores e ninhos. Sim,

Quisera que ele voltasse a sentir no colo da mãe a pureza da ternura

quisera que nessa casa, o esperasse, ansiosamente, o pai, para o apertar no vigor dos seus braços; que ele voltasse a sentir no colo da mãe a pureza da ternura. Quisera, enfim, que os dois lhe explicassem que tudo o

que se estava a passar, era um mau sonho da noite...

Mas não era. E, o Victor Daniel era decididamente nosso. Não podia ir.

Era já noite quando rodámos a toda a velocidade rumo a casa. Assomavam ao meu espírito mil perguntas sem resposta. Trazia no meu coração os olhos tristes e o rosto magoado daquela mulher, abandonada, à mercê de qualquer preço.

O Victor Daniel, ao meu colo, dormia. De vez em quando o sono era entrecortado por soluços profundos. No seu coração latejava um grito doloroso: «Ai a minha mãe!». Pensei, então, no mistério daquele Pão Vivo, imolado e repartido neste dia por

tantos corações. Ao meu colo levava um pedaço desse mistério de Morte e Ressurreição.

Nesse instante, adorei o mesmo Senhor, do Qual, o Daniel é sinal de Sua presença adorável.

Hoje, em nossa Casa, o Victor Daniel vive alegre e feliz. Aninhou-se já na nossa vida e coração. Com ele iremos repartindo o pão da paternidade de Deus, mesmo que ele um dia fuja, correndo atrás de uma infância imaginada no seu coração de adolescente, sem um beijo, sem gratidão, por todas as vezes em que lhe coloco na mesa e na boca o pão que tu, no Algarve, nos deste.

Padre João

Conferência de Paço de Sousa

CUMULAÇÃO DE PENSÕES DE SOBREVIVÊNCIA — Vale a pena referir, mais concretamente, o novo regime de *cumulação de pensões de sobrevivência* estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 141/91 de 10 de Abril e os benefícios que confere (às famílias pobres):

1 — As pensões de sobrevivência do Regime Rural Regulamentar são cumuláveis com todas as outras pensões de reforma ou de sobrevivência.

2 — As pensões de sobrevivência do Regime Rural Transitório são cumuláveis:

- a) com reformas do Regime Rural Transitório;
- b) com reformas e sobrevivência de outros regimes;
- c) com pensão social.

Assim: Familiares destes regimes, falecidos até 30/6/91, que, com base na aplicação da legislação anterior, nunca receberam pensão de sobrevivência ou, tendo-a recebido, foi, entretanto, o respectivo pagamento suspenso (por motivo de serem titulares de outras pensões) devem agora apresentar o seu pedido junto do Centro Nacional de Pensões ou do Centro Regional de Segurança Social da área da sua residência. Este pedido pode ser feito através duma simples carta ou efectuado directamente junto dos serviços de atendimento das instituições citadas.

Importante: Estas pensões de sobrevivência são devidas a partir de 1 de Julho de 1991.

PARTILHA — «Uma pequenina ajuda em cheque» — do assinante 9790 de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia): «Fico muito grato por uma oração ao Senhor por uma intenção particular».

O costume, do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), «para renda da casa da viúva». Mais cinco mil, do assinante 29650, de Sintra, «que atribuirão a quem acharem mais necessário».

Aí temos o habitual cheque, da assinante 31104, de Lisboa, «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Acrescenta: «Rezem por mim». A Fé move montanhas!

RETALHOS DE VIDA

CARLITOS «RUSSO»



Sou o Carlitos «Russo». O meu nome é José Carlos Cardoso Pereira Lopes.

Ando na quarta-classe da Instrução Primária, na Casa do Gaiato. Nasci em Miragaia (Porto) e vim para cá com o meu irmão porque a minha mãe não nos podia sustentar. Eu e os meus companheiros cumprimos as nossas obrigações da parte de tarde. Na Casa do Gaiato como muito bem. E, aqui, sou como os outros.

As vezes recebo visitas da minha mãe, que me traz lambarices.

Quando for grande é que vou dar coisas à minha mãe! Também dou aos meus amigos...

Quero ser camionista.

Carlitos «Russo»

Pelas CASAS DO GAIATO

M. Etelvina, da capital do Norte, partilha cinco contos com os nossos Pobres e expressa duas intenções: «as almas do Purgatório, pois tenho por elas muita devoção» e que «este dinheiro seja para aquela senhora que tem três filhos adoráveis e que vinha na coluna da Conferência de Paço de Sousa n.º O GAIATO de 19/10».

Mais 500\$00, do Porto, pela mão do assinante 16225. Dez vezes mais, da assinante 9792, de Guimarães — berço da Nacionalidade — «para ajudar uma viúva com filhos», pedindo «uma oração pelo meu marido que está doente». Cumprimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CASTANHAS — Os castanheiros têm pouca fruta! Isso é mau, pois no dia tão desejado do magusto é de crer que não haja castanhas para a malta...

Para evitarmos este problema, contamos com a colaboração da comunidade.

A NOSSA ALDEIA — As árvores dão uma belíssima paisagem à nossa Aldeia! Agora, no Outono, encanta-nos ver o colorido delas e, também, os caminhos das nossas casas atapetados de folhas caducas. Todos os dias, excepto aos fins-de-semana, são recolhidas em carros de mão e sacos pelos rapazes comandados pelo Neca. É um tipo de trabalho muito aplicado durante esta estação do ano.

FÉRIAS — O nosso Padre Carlos foi passar férias à região de Aveiro porque, durante o



Em nossas Casas, trabalhar o ferro é uma arte.

Verão, não largou o seu posto para descansar uns dias. Boas férias!

Paulo Alexandre («Rambo»)

A NATUREZA EM NOSSA ALDEIA — A Natureza é um bem essencial para a vida humana, que Deus criou para a humanidade.

Quando olho para a nossa mata, vejo a verdura das árvores que, apesar das chuvas e dos ventos, mantêm a sua beleza.

Os campos agora lavrados para o renascer de erva verdejante destinada ao gado.

À volta de cada casa há sempre uma verdura que nos faz despertar, logo de manhã, quando abrimos as janelas.

Agora, no Outono, as árvores ficam «despidas», as folhas vão caindo e pairando num chão cansado e pisado!

A Natureza é um bem indispensável à nossa Aldeia. Os espaços verdes que tem, servem para recuperar forças e o bem-estar da nossa comunidade. São como um filtro da poluição da parte de fora do rapaz recuperado. Preocupação da Obra da Rua: a felicidade do rapaz no campo.

Em meu entender devemos muito à Natureza! Temos que a



O Manuel Teixeira casou com a Maria do Céu

saber estimar e respeitar as coisas lindas que nos dá para a vida. Não só em nossa Casa, mas também a nível mundial.

Repórter X

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Sem condições mínimas de habitabilidade muito difícil se torna criar um ambiente familiar minimamente acolhedor e educador. Uma das nossas famílias que foi realojada num dos bairros municipais, após ter saído do famigerado «casarão», apresenta hoje um «ar mais saudável».

A casa encontra-se arrumada e alindada com plantas e pequenas bugigangas. Agora os filhos passam mais tempo em casa do que na rua, visto ter havido uma espécie de transferência do centro de atracções da rua para o ambiente mais acolhedor do lar.

Isso tudo ajuda a provar que o problema da habitação se apresenta como um dos problemas mais candentes e fulcrais

do nosso mundo. Sem habitação condigna é bastante difícil criar ambiente para a formação de famílias equilibradas e mais harmoniosas.

Esperemos que o próximo plano governamental tenha como prioritária a resolução do problema da habitação!

O QUE NOS DERAM — Assinante 3359, 1.500\$00; Branca, 5.000\$00; a nossa amiga, da Holanda, os habituais 7.000\$00 e Deus a proteja! Assinante 23200, 2.000\$00 em sufrágio de sua avó «que tão amiga era de valer a quem precisava da sua ajuda». M.B. Costa, 5.000\$00, mais 20.000\$00 para o leite dos gémeos, mais 3 coberteiros de lã da serra, oferta que desde já agradecemos. J.F.M.S., de Setúbal, 20.000\$00. M.L.R., de Lisboa, 5.000\$00. Uma antiga vicentina, para a renda da senhora idosa e para ajuda dos transportes da mãe do jovem preso em Paços de Ferreira, 5.000\$00.

A todos, bem hajam!

Um vicentino

Moçambique

Continuação da página 1

vão ser dessedentadas com um e outro. Tudo bem. Valeu a pena o sacrifício para não virmos de mãos vazias e connosco a consolação de sermos portadores de generosidade de muitos pobres de coração que em Portugal vivem através da Obra da Rua o drama da miséria e comungam as nossas aflições. Se pudéssemos trazê-los ao vivo para as páginas d'O GAIATO! ... Há muito que não se pode dizer, imensamente mais grave do que aquilo somos capazes de exprimir. Que o Senhor nos mantenha disponíveis apesar de a nossa preocupação principal serem os rapazes da rua a quem até este momento nada podemos fazer.

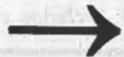
Padre José Maria

A Obra da Rua quer dar a mão às crianças que vagueiam nas ruas de Maputo

Você criança que tem casa, lembre-se que há muitos que não a têm.

Você criança que tem boa escola e todo o material escolar, lembre-se que há muitas que nem sabem o que é a escola.

Você criança que passeia, tem muitos amigos e muitas vezes estraga coisas que não são precisas, lembre-se que há muitas que não têm o



SETÚBAL

Dois andares para dois filhos

A semana passada estive envolvido na compra de mais dois andares para dois filhos meus. Gosto de lhes dar esta denominação porque é assim que os sinto. Os pontapés que eles levaram em pequeninos, mais as mazelas da alma que o abandono lhes provocou, mais ainda um certo respeito humano impedem que me tratem por Pai, mas eu vejo com o coração que eles apresentam de um modo geral da mesma maneira. Não me interessam muito as palavras, que elas podem até atraiçoar-nos; agrada-me mais a relação íntima manifestada em generosidade, comunhão e sofrimento.

Eles buscam os pisos mais baratos, em segunda mão, mas com uma certa largueza por virtude da fecundidade familiar e nada de intermediários. Mesmo assim não sei se me aguentarei no balanço. É preciso muito dinheiro. Prevejo que em cada ano terei de colaborar com dez ou doze habitações. Não dou a todos por igual. Faço como um pai de família cuja justiça depende de inúmeros facto-

mínimo necessário à sobrevivência.

Você criança que tem lindos brinquedos, roupas da última moda, armários superlotados, que até joga fora, lembre-se que há muitas que nem sequer têm um pedaço de pano para se cobrir.

Você criança que não tem fome e estraga muita comida, lembre-se que há muitas que morrem por falta de um pequenino pedaço de pão.

Você criança que tem família, lembre-se que há muitas jogadas sem ninguém.

Você seria capaz de viver sem casa, escola, amigos, brinquedos, roupas, com fome e sem família?

São milhares delas que vagueiam nas ruas da capital de Moçambique! E a Casa do Gaiato, aqui chegada, quer dar-lhes a mão. Quer fazer dos que são o «lixo da sociedade» homens de bem. No momento, fazemos o nosso trabalho na rua, e é tão pouco para o que precisam... Mas, que fazer se não temos sequer instalações? Oxalá que no próximo número d'O GAIATO possamos dizer: temos 20 crianças a morar conosco. Para o momento já seria grande coisa fazer 20 almas felizes.

Quitéria Paciência
(Brasileira)

res. Não deixo é ninguém atrofiado e a todos exijo economia e fidelidade à sua família.

O Sebastião comprou a sua casa num bairro social. Foi mais barato. Ele trabalha em Lisboa. Desloca-se todos os dias e labora todos os sábados. Tem uma menina de dois anos. Casou com uma rapariga também sem família, criada numa casa em Coimbra. É clara a sua felicidade familiar. Evidente a ternura e o encanto mútuo do casal. Dois hipotéticos charcos que se transformaram em regato limpo e correm no rio da vida purificando o ambiente.

Mas há mais. Já depois de casado, o Sebastião conheceu na cadeia um seu irmão de sangue levado àquele degredo por não ter família. Sebastião cede-lhe um quarto. Dá-lhe companhia e amparo no ofício. Fá-lo um homem. O irmão partilhava no pagamento da renda da casa. Agora este vai casar, socialmente estabilizado pelo Sebastião. Como eu canto, dentro de mim, em ferveras de alegria, estas vitórias que o mundo não consegue com as suas técnicas e o seu dinheiro!

Comprometi-me com mil contos, mais a corticite e o ladrilho. O rapaz sabe. Tem gosto. É capaz. O suor vai sair-lhe do coração e regar a alma e a família. A casa vai ficar a seu jeito.

Se a gente tivesse um nadinha do que se gasta mal gasto...

Se a gente tivesse um nadinha do que se gasta p'raí mal gasto em luta contra a pobreza e pudéssemos com a nossa experiência e o nosso silêncio, sem política, acudir a tanta família válida!... O pouco que vamos realizando é amor de Deus — Caridade.

Como eu gosto desta palavra — *Caridade* — que o mundo estragou e os cristãos abandonaram!

O Joaquim ainda não casou, mas pensa nisso para breve. É um operário qualificado numa empresa. Das suas economias arranhou mil e quinhentos contos. Nós entramos com outro tanto. O resto vai pedi-lo à Banca e pagará com um certo alívio.

Começo a sentir muito na alma aquele ditado do povo: «Quem tem muito filho é pobre».

É urgente que o Governo colabore. O problema da habitação é um problema de vida ou de morte. O senso do povo vem sempre ao de cima numa sociedade livre; e, ou este Governo pega a sério, como é seu dever, no velho problema da habitação, como outros Governos de outros países, em tempos de maior penúria, ou perderá muita credibilidade. Aumentará a criminalidade e o mal estar social rebentará todos os diques.

O sentir do Povo

O sentir do povo está muito condensado nos inúmeros testemunhos chegados até nós: «Li no jornal O GAIATO a notícia da compra de andares para os rapazes educados na Casa do Gaiato. Fiquei chocado com a sua atitude e coragem que muito louvo e acho que bem merece

ser apoiado e ajudado. Por tudo que digo e que não sei dizer, envio este cheque de cinco mil escudos para o ajudar nessa maravilhosa aventura... Já tenho setenta e dois anos, ando a trabalhar porque a minha reforma é apenas 20.000\$00. (...) Não quero deixar de lhe agradecer o que faz pelos rapazes, porque acho que o faz por todos os portugueses. Não é necessário agradecer. Evite gastos inúteis.»

• O Lions Club de Setúbal fez, de novo, a sua «Feira da Ladra» a nosso favor. Um gesto de muita simpatia que se repetiu pela sétima vez. O rendimento ultrapassou os mil contos. Louvo com muita gratidão o sacrifício e o afecto dedicados à Casa do Gaiato.

Padre Acllio

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

DOCTRINA



...que toda a gente gosta de ler.

• Com mais uma pancada de quinze contos que houve de procurar para dar à Casa do Gaiato (devo agora cinco), tenho marchado estes dias em gloriosa penúria, algibeiras a tenir, fugindo dos Pobres nas ruas e contando a minha história aos que em casa me procuram. Abelhas laboriosas e contentes que num instante ficam desprovidas nos quadros vazios da cera e num instante munidas, na abundância do mel que fabricam — assim a minha vida. De flor em flor, um pouco com muito, outro pouco sem nada, adoça a gente a boca e o coração dos que sofrem com as suaves amarguras do trabalho que leva. Ai, que se o mundo soubesse o que é a alegria de não ter nada! Se cada um compreendesse e realizasse em si mesmo o pensamento do Mestre no pedir o pão de cada dia e não querer mais do que isso; se assim vivesse — quanta ciência e quanta verdade não haviam de descobrir no negociante de pérolas do Evangelho, que larga tudo o que tem para possuir e para gozar uma, preciosa, que topou no meio das outras; e agora chama a tudo o que vê pérolas falsas, porque tem, no seu grande tesouro, o seu único Bem!

O. Amín. S!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

Ecoss d'África

Continuação da página 1

guerra e educada na «cândonga».

Ao falar em crianças, adolescentes e jovens, são meninas e meninos, raparigas e rapazes. Os pais, se os há, vivem numa parcela deste universo degradado. Quem vai ao encontro deles?

Nos dias que por lá passámos, a ver a situação ao vivo, não me quedei sossegado. Pensei em Portugal e nas centenas de Instituições Particulares de Solidariedade Social e outras do Estado. Em Angola não há nenhuma. Nem da Igreja nem do Estado. Eis a situação! O caos está à espera de quem vá acender uma luz, ainda que pequenina, para começar a mexer-se e a ordenar-se.

Impelido pela urgência da resposta que o caso exige, bati à porta de duas Instituições. Convidei-as a ir ver para depois decidirem. A Obra da Rua, por sua parte, já está a preparar as malas com o que lhe dão para levar para Angola, que para Moçambique Padre José Maria levou alguma coisa e precisa de muito mais. Mas não queremos ir sozinhos. Não porque tenhamos medo, mas porque sofremos por ver outras instituições que não lançam as redes para o mar alto. Para bem delas e daqueles a quem vão servir.

A rectaguarda ocupa o seu lugar

A rectaguarda vai ocupando o seu lugar, entretanto: «Com sentimentos de amizade e admiração vai aqui este cheque para as Casas do Gaiato de Angola». Não temos pena dos que arriscam as suas vidas por amor e com alegria. Admiramo-los! São luz onde quer que estejam. «Com um certo atraso envio a habitual contribuição por alma do meu querido pai... A Obra, neste momento, deve estar muito empenhada na reconstrução das estruturas em África».

O investimento material é preciso. Mais necessárias, nesta hora, são as pessoas. O suporte humano das estruturas, o mínimo, preocupamos e andamos à procura dele. Para alguns esta hora é de ressurreição. «Tenho acompanhado as notícias sobre o regresso a Moçambique e não raro me emociono porque tenho lá um filho que optou pela nacionalidade moçambicana e sinto ainda uma grande nostalgia e saudade por todas as coisas que dizem respeito àquela terra.» «Por alma dos meus saudosos já falecidos ofereço esta quantia para Malanje.» E um vale de correio com o mesmo destino.

É o recomeçar. Não falta a matéria-prima. Haja quem pegue na rabiça do arado que o terreno está preparado para a sementeira.

«Desde que li os vossos Gaiatos que contam a volta dos padres da rua a África, sobretudo a Moçambique, fiquei muito emocionada e quero mandar uma ajuda, embora saiba que é, apenas, uma gota de água no oceano. Casei em Lourenço Marques (agora Maputo). Por tudo isto, acho que meu marido, lá no Céu, há-de gostar de ajudar a ida dos padres da rua para Moçambique.»

É a pessoa toda com o que tem de mais querido a comprometer-se com este feito. «Envio este cheque, especialmente para Moçambique, recordando o que soube através d'O GAIATO da reconstrução da Obra que tanto admiro. Que Deus vos ajude a salvar tantos inocentes espalhados por essa terra tão torturada».

No topo duma carta vem esta legenda que é comentada pelo autor da mesma: «Nas horas graves, os olhos ficam cegos: é preciso então enxergar com o coração». E continua: «Penso que esta é uma 'hora grave'; só que não descobri uma que o não seja... talvez por isso o coração devesse andar mais activo ou mais atento».

O GAIATO cumpre a sua missão: desperta as consciências

Como um despertador das consciências O GAIATO vai cumprindo a sua missão. Revolve o que está adormecido. Arrasta os preguiçosos e põe-nos a andar: «Confesso que desta vez foi mais a preguiça e outras solicitações que não me deixaram estar presente a quando da partida dos nossos heróis para terras de África. O cheque que junto é a manifestação dessa presença — mesmo atrasada — que peço lhes façais chegar transformado em pregos, em telhas, ou em qualquer outra coisa que lhes seja necessário. Que Deus os acompanhe e se digne fazer frutificar a sua generosidade».

São dádivas feitas oração. Têm peso e valor muito para além do que os números dizem. A Obra da Rua vai acompanhada e enriquecida com o bater de muitos corações: «Com o que li no vosso jornal senti-me mais próxima daqueles Pobres tão pobres. Para eles, através de vós, desejo enviar uma pequena quantia e as minhas preces para que neles possa de novo haver esperança e alegria de viver».

Padre Manuel António

Comissões de Protecção de Menores

Agora considera-se também o menor vítima de comportamentos alheios

O Decreto-Lei n.º 189/91 que temos vindo a comentar, tendo partido da experiência começada em 1978 que cometa aos COAS competência «para decidir e aplicar medidas de protecção a menores de 12 anos em estado de delinquência ou para-delinquência», alarga a competência das Comissões que cria «para além dos 12 anos e também para os casos de maus tratos, de abandono ou de desamparo» de que os menores sejam vítimas e para «as situações susceptíveis de serem em perigo a sua saúde, segurança, educação ou moralidade».

Além do espaço etário mais dilatado, há uma situação nova: Antes, o menor-objeto de protecção era apenas o agente dos problemas que a motivam — comportamentos já de delinquência ou próximos dela; agora considera-se o menor vítima de comportamentos alheios — «maus tratos, abandono, desamparo» — que põem em risco a sua saúde, segurança, educação ou moralidade.

Embora, de facto, as duas situações muitas vezes coexistam (se não se acudir a tempo à segunda, muito provavelmente acontece a primeira) a verdade é que elas são de razão diametralmente opostas e não é razoável confundir causas e consequências. De resto, adiantaria mesmo que, quase sempre, os estados de delinquência ou para-delinquência dos menores são fruto de perturbações familiares que, algumas vezes, não aparecem claramente, se não são mesmo camufladas. Porém, nos casos de negligência,

de maus tratos, a causa é evidente e os causadores em geral são conhecidos.

Os tribunais congestionados inspiraram ao legislador a ideia das Comissões de Protecção?

Como vem então o presente Decreto-Lei no seu art. 11.º — aliás numa tradição conservadora que remonta (refiro apenas a nossa experiência) a umas boas décadas atrás — como vem ele estabelecer a posição dos pais unívocamente (o que no caso é igual a equívocamente) a respeito das duas situações dos menores, fazendo «dependem do consentimento dos titulares do exercício do poder paternal a intervenção das Comissões de Protecção», as quais, sem ele, «devem abster-se de intervir ou cessar a sua intervenção e comunicar a situação ao tribunal competente»? Poderá dizer-se que esta comunicação vem remediar a paralisia que a falta de consentimento provocou... Mas não terá sido, exactamente, a paralisia crónica que afecta as instituições congestionadas que são os tribunais e os torna inoperantes (sobretudo os que tratam especificamente de menores, para quem o tempo conta com velocidade redobrada) — não terá sido esse reconhecimento que inspirou ao legislador a ideia das Comissões de Protecção?...

Julgo que desde o texto legal do tratamento das duas referidas situações deve ser diferente. E tem de assentar sobre um conhecimento fundamental, procurado sem pruridos farisaicos, se, de verdade, o objec-

tivo que se intenta é a protecção e a defesa da criança: o juízo prévio da capacidade da família para o estabelecimento e para o decurso do processo.

No caso da delinquência ou para-delinquência dos menores, é de presumir a inocência formal da família e a sua aptidão para colaborar na execução das medidas que o julgamento da situação aconselhar. O que não significa que um perfeito diagnóstico do comportamento desviante da criança possa dispensar uma análise do meio familiar em que ela nasceu e cresceu.

Aliás, se a família funciona bem, é ela que toma a iniciativa de enfrentar o problema que afecta o seu pequeno membro e a todos fere: não fica à espera de qualquer Comissão de Protecção ou Instituição Judiciária, antes a elas virá recorrer se, só por si, não achar o remédio adequado. Ninguém mais interessado do que ela em ver o fim de tal pesadelo!

Se a família é ficção com que direito se pactua com ela na pretensa construção de realidades renovadas?

No caso da criança vítima de incúria, de maus tratos, de abandono que a colocam em situação de risco — como ter esperar consentimento dos culpados de tal desgraça para agir em defesa do indefeso, ou ter de esperar de uma instância superior que, geralmente, responde tarde e mal? Onde o realismo da expectativa de colaboração para a cura do mal dos próprios que o causam?

Se a família é Família, pois tudo por ela, tudo com ela na solução dos problemas que toquem qualquer dos seus membros! Mas se ela é ficção, com que direito se pactua com ela na pretensa construção de realidades renovadas?

Se os causadores destes males, culpados, talvez, com muitas atenuantes porque vítimas também de semelhantes culpas: se fosse possível exercer sobre eles uma acção medicinal que, ao menos, os melhorasse — que bom! Seria a tal acção integrada em que os discursos são férteis... Mas, se não é possível chegar a tal perfeição, ao menos que se faça barreira ao curso destes males procurando tornar imunes deles a geração de agora.

Não tem sido assim! Quantas crianças e adolescentes «em situações susceptíveis de serem em perigo a sua saúde, segurança ou moralidade», sob a capa de protecção e defesa, são re-abandonadas ao poder senhorial fundado na carne e no sangue, com o beneplácito de critérios sentimentais que substituem a razão! Este tem sido o sistema, fecundo produtor de marginais.

Quem nos dera novos dias! Mas isso exige que, em todas as posições estratégicas de defesa e protecção dos menores, estejam «pessoas com sensibilidade, conhecimentos e gosto pela problemática da criança, do jovem e da família», que não apenas os representantes dos municípios nas Comissões agora em criação.

E exige mais: uma sincera conversão, profundas mudanças na sociedade dos adultos, mesmo naquela porção dela que se presume de gente de bem.

Padre Carlos

PARTILHANDO

Aldeia da Massaca 1

Toquei-lhe as mãos e peguei na enxada... Mãos, enxada, um corpo real. Chama-se Conceição e habita nesta aldeia. Tem cinco filhos e está grávida do sexto. Vejo o volume do seu querido. Nestas paragens, são sempre queridos.

— Para que está capinando? — perguntei.

Abriu muito os seus olhos mortíços e com dificuldade (palavras como bugalhos) foi-me dizendo:

— É escola p'ra bebé de barriga até ser grande. Come também. Tem lugar de comer. Tem lugar p'ra mulher aprender. Tem sítio p'ra doente ter remédio.

— E Capela?

— Tem, também.

E expressou por gestos e palavras que era o que mais queriam. A fome de Deus ultrapassa e consome.

Que coisa mais concreta que este grupo de mulheres cavando e pisando este chão para a sua «escola de bebé até ser grande»?

Padre José Maria e Irmã Quitéria esforçavam-se, neste momento, por explicar aos

senhores numa «Organização Católica de Ajuda para o Desenvolvimento» o que estão fazendo com este povo... Palavras que saem como borbotões numa fonte de encosta torrada... Notei que os senhores não sabiam beber! Colar os lábios na limpidez dos jorros! As palavras perdiam-se no chão de terra castanha.

— Coisas concretas, definidas... Palavra pobre; assistência também não — disseram.

Estas duas infelizes foram banidas como trapos sujos:

Limpar o chão, cavar um poço, dar leite a crianças subalimentadas e acolhê-las, não serão coisas concretas? Talvez tenham que ser refinadas pelos computadores: Listas à direita e listas à esquerda, apresentação esmerada até perderem o cheiro puro da terra e o forte odor dos corpos cansados.

Abrimos o alicerce da Creche

Eles se foram embora com seus sorrisos e numa fotozinha que bateram à escolinha

de capim a céu aberto.

Padre José Maria e Irmã Quitéria sentindo e vendo tudo num baralho: Terra, mulheres, enxadas e palhotas esburacadas; talvez num esforço de lançar mão ao invisível para conseguirem apanhar o «tal» real e concreto, por certo concluíram que, neste aspecto, o real e verdadeiro é: o ir junto dos Pobres nos seus bairros, dos carenciados e doentes... Conheçê-los e amá-los; em seguida, a ajuda consoante.

Tão simples! O Evangelho é assim.

Veio a noite. Na nossa casinha alugada da barragem dos Pequenos Libombos, que fica a quatro quilómetros da fazenda — futura Casa do Gaiato de Moçambique — enquanto lá fora escutávamos a orquestra das rãs, resolvemos abrir no dia seguinte os alicerces da Creche, prepará-los para cavar um poço e dar leite às crianças mais débeis.

No dia seguinte assim fizemos.

Só que o «chão» do poço são setecentos contos... É duro! O chão do dito, claro.

Só gota-a-gota ele amolecerá...

Padre Telmo

Quando o telefone tocou já eu estava deitado. Levantei-me e fui atender.

Era a dar-me a notícia da morte do António Francisco, o «Engruço». Fiquei em suspenso. Só passado algum tempo serenei e, por uns momentos, rezei ao Senhor por ele.

Deitei-me de novo e todo o meu sono daquela noite foram recordações da vida do António Francisco:

Recordei a sua entrada em nossa Casa, aos sete anos, por a mãe estar internada num estabelecimento de doentes mentais, o pai não se sabia quem era, e não ter família para o receber.

Recordei os anos de escola, ele intelectualmente normal e sempre bondoso e delicado.

Recordei-o na fotografia a servir os senhores à mesa no almoço da inauguração do nosso pavilhão doméstico, todo vestido de branco, e Pai Américo a sorrir-se para ele.

Feita a Escola Primária foi trabalhar para o hospital de Anadia e aí começou a despertar a sua vocação de enfermeiro.

Recordei o dia em que me veio dizer isto mesmo. Daí a dias fui ao Colégio Pedro Nunes, sempre de portas abertas aos nossos estudantes, pedir para ele frequentar o 1.º e o 2.º anos, que conseguiu fazer nesse ano.

Tribuna de Coimbra

Recordei quando fui pedir ao director dos Hospitais para ele ser aceite no Curso Geral de Enfermagem e recebi um sim amigo. Feito o curso, ficou a trabalhar nos Hospitais e, no ano seguinte, foi colocado no de Ílhavo. Passado um ano segui para o norte de Moçambique. Ali fez um trabalho maravilhoso. Os doentes tratavam-no por «senhor doutor António».

Recordei o dia em que veio de Moçambique para casar em nossa Casa e fazer a festa familiar. Quando nasceu a primeira filha voltou a vir de Moçambique para que a menina também fosse baptizada no meio de nós. Depois da independência regressou a Lisboa e quando nasceu o segundo filho veio,

de novo, fazer o baptizado a nossa Casa.

Recordei que todos os anos vinha com a mulher e os filhos passar parte das férias connosco e, durante o ano, aparecia ou telefonava. Ainda há pouco tempo ouvi a sua voz ao telefone.

Diante de seu corpo, no caixão, massacrado por uma morte prematura e violenta, com sua mulher e filhos abraçados a mim, recordámos muitos laços que sempre o ligaram a esta família de Pai Américo e as minhas lágrimas foram de muitas saudades.

Que o Senhor Deus — em Quem sempre confiou — o tenha em Sua Casa em paz.

Padre Horácio



Gaiato

Director Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp. Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 4239